



Vol. I nº 1 jan./jun. 2006

p. 53-58

A FIGURA FEMININA NO CONTEXTO DA INQUISIÇÃO

*Mariza Scheffer Freire*¹

*Vilma Pereira Sobrinho*²

*Orientador: Gilmar Henrique da Conceição*³

Este texto é um estudo teórico que resultou de projeto de iniciação científica e que objetiva apreender o fenômeno da Inquisição, especialmente no que se refere à caça as bruxas. Para tal, contextualizamos a Idade Média entre os séculos XIV, XV e XVI, período de recrudescimento da perseguição à figura feminina e à heresia de bruxaria. Os conflitos vivenciados durante essa época não aconteceram somente em relação ao clero e as bruxas, também foram debates referentes à transição social.

Cabe-nos ressaltar que o Tribunal do Santo Ofício, instaura-se e tem seu auge por volta do século XIV, momento de grandes transformações econômicas e políticas, que desestruturavam as bases do modo de produção feudal. Dentre essas mudanças estão o mercantilismo, a formação dos Estados Nacionais, a volta do Direito Romano o que afastam a mulher da esfera pública. Simultaneamente tenta-se manter o poder da Igreja através da Inquisição, poder este que é essencialmente masculino o que faz com que a mulher seja retirada progressivamente da hierarquia da Instituição religiosa e da participação social.

Embora seja difícil recuperar traços de resistência por parte da mulher, devido ao silêncio que envolve todo esse fenômeno, poder-se-ia supor que a busca, pela mulher, de outras formas de conhecimento causou todo o ódio masculino. O que a fez ser castigada por sua atuação e condenada por seus atos, considerados "bruxaria". Toda essa repressão contra a mulher está contida, manifestada na obra *Malleus Maleficarum*, em 1468, redigida por Henrich Kramer e James Sprenger, padres inquisidores. Este documento se constitui em manual da caça às bruxas para os religiosos da Inquisição, na medida que apresenta a permissão para atuarem contra o aumento da heresia de bruxaria, ou seja, das práticas individuais ou coletivas que contrariam os dogmas doutrinários da Instituição Católica e constitui-se como base para essa pesquisa.

Buscamos o desvelamento de tais heresias nos processos inquisitoriais ocorridos sob a acusação de bruxaria. Por este motivo nos chama a atenção , a descrição dos atos dos bruxos:

Recentemente Chegou a nosso conhecimento – diz – não sem que sentíssemos uma grande tristeza, que em algumas partes da Alta Alemanha, nas províncias, vilas, territórios, localidades e dioceses de Mayenza, Colônia, Treves, Salburgo e Brama, certo número de pessoas de um e outro sexo, que, esquecendo sua própria saúde e afastando-se da fé católica, entregaram-se aos demônios incubos e sucumbos e, por seus encantos, feitiços, conjuros, sortilégios, crimes e atos infames, destroem as colheitas as videiras, as plantas e legumes da terra; afligem e atormentam com dores e males atrozes, tanto inferiores como exteriores, a estes mesmos homens, mulheres, bestas, rebanhos e animais, e impedem que os homens possam engendrar e as mulheres conceber e que os maridos cumpram o dever conjugal com suas mulheres e as mulheres com seus maridos; com boca sacrílega, renegam a fé que recebem no Santo Batismo; não temem cometer e perpentrar a instigação do inimigo no gênero humano, e outros muitos excessos e crimes abomináveis, com perigo de suas almas, desprezo da Divina Majestade e perigo escândalo de muitos.” (Enciclopédia do Ocultismo; Século Futuro: As Ciências Proibidas, 1987, p.56).

O Martelo das Feiticeiras - livro oficial de uma época - é repleto de exemplos que “descrevem” com riqueza de detalhes como as bruxas podiam agir sobre as pessoas. Esses exemplos são casos “testemunhados” por leigos que juram ter presenciado ou até mesmo participado de atos de bruxaria. O texto burocrático é, assim, um documento carregado de depoimentos pessoais que expressam idéias tanto das classes consideradas mais cultas como as idéias do povo. Nessa conjuntura queimar bruxas, na verdade, representa à Igreja Católica desse período, uma tentativa desesperada de manter-se no poder, resgatando sua autoridade, que parece ameaçada a medida que a sociedade burguesa se desenvolve. No entanto, antes de qualquer coisa, esse comportamento que parece arbitrário a primeira vista, por condenar o novo, é a consequência de uma interpretação teórica que faz do homem a medida de todo o mal, caso não obedeça ao Senhor ou aos seus representantes, no caso, ao Papado e a toda uma hierarquia institucional.

A caça as bruxas aconteceu devido ao medo das mudanças, pois a mulher expressa a necessidade de reprodução de toda a sociedade que se sentia ameaçada diante da nova forma de vida que surgia e pelo desejo de se manter as velhas formas. Nesse contexto, essencialmente teológico, a “maldição bíblica de Eva”, acompanharia mais do que nunca a mulher. Estigmatizando-a como responsável pela queda do homem e como tradução da perseguição implacável ao corpo da mulher. A raiz do medo da mulher, no homem, estava ligada aos segredos do parto, da cura e da fabricação de “mezinhas” (termo do qual se originou a palavra medicina). Ela ainda conhecia os segredos dos venenos, das poções e dos filtros (espécie de chá) que enfeitiçavam e matavam, sendo a senhora da vida e da morte. Os homens medievais

procuravam lutar contra esse saber-poder, estavam embutidos de crenças e mitos temiam a sabedoria feminina, porque desejavam garantir sua soberania, partindo para uma caçada sangrenta nunca vista em nenhuma outra civilização. O que significa que as fogueiras da Inquisição se constituíram em defesa da sociedade feudal.

Para compreender as razões inquisitórias e o extermínio de mais de cem mil mulheres, queimadas vivas, é preciso nos ater nas disputas políticas existentes entre o clero e a nobreza. Desde o final do século XI até o século XIII, a Igreja já havia adquirido um caráter de Instituição Universal; nessa época os papas envolvem-se nas Cruzadas, disputas de poderes dentro da própria Igreja. Por isso, a Instituição Católica passa a ser muito criticada pela cobiça, pela imoralidade e arrogância, aqueles que a criticaram foram perseguidos sob a acusação de hereges.

Enriquecida, essa Instituição, passa a monopolizar a educação a partir do século XII, que ficou conhecido como o “século da Universidades”, ainda nesse século surgiu a criação do Tribunal do Santo Ofício, a chamada Inquisição, em 1231, no papado de Gregório IX. Nesse mesmo período, talvez uma “coincidência”, criou-se o tribunal especializado em julgar crimes de feitiçaria, magia, bruxaria e ainda os cursos de medicina e direito. Os cursos criados ensinavam por tradição aquilo que sempre foi realizado pelas mulheres, pois elas eram as detentoras do saber, desde a antiguidade. A cura sempre foi exercida por elas, e os nascimentos também passavam por suas mãos. Nas Universidades as mulheres estavam excluídas de estudar, o seu ingresso acontecia somente quando fosse de interesse da Igreja, segundo Moacir Gadotti: “...As mulheres consideradas pecadoras pela Igreja, só podiam ter alguma educação se fossem “vacionadas” (vocare: chamar) para ingressar nos conventos femininos. Mas só eram “chamadas” aquelas que tinham vocação principal: ser proprietária de terras ou herdeiras. Assim, a Igreja, impedindo ainda o casamento de padres e freiras, constitui-se no maior latifundiário do globo”. (História das Idéias Pedagógicas. Editora Ática, p.55, 2002).

É interessante poder dizer que, no texto do “Malleus”, a redação do documento é fiel ao princípio de autoridade, pois, para a confirmação de tudo o que é dito, os autores sempre invocam frases (mesmo que descontextualizadas) de pensadores da Antiguidade, dos santos padres, dos teólogos e dos doutores em direito canônico, aos quais não se admitiria contestação. Na tentativa de manutenção do poder, a perseguição às feiticeiras era elemento claro de luta, estando evidenciado nos discursos de muitos médicos, como François Rebelais que conclui que o corpo “histérico” da mulher só pode conduzi-la a desordem moral.

Todo discurso “científico” da época estava impregnado do estigma, no qual a mulher era um ser inferior, e isto vinha ao encontro do discurso religioso. A

medicina, neste momento se firma como uma instituição masculina, que advoga o monopólio do saber e o de curar. Defende assim a perseguição da prática feminina de manusear ervas e atender aos partos. Observa-se também no discurso inquisitorial, uma relação entre a figura feminina e bruxaria, isso se atribui no momento em que a obra explicita sobre os rituais, denominados “sabás”, onde as mulheres “dançam para os demônios”, e ainda fala-se que as mesmas copulavam com eles. Então, se supunha que era pelo sexo que ela se fazia bruxa, sexo este considerado, por “natureza”, impuro e maléfico.

Portanto, não era porque se distinguiam das demais mulheres, ou por possuírem uma natureza diferente; era a própria “natureza” feminina que ardia nas fogueiras. Como diz, James Sprenger, inquisidor e teórico da demonologia, também autor de *Malleus Maleficarum*: “se hoje queimamos as bruxas é por causa de seu sexo feminino”. Dessa forma ele “comprova” a inferioridade feminina. Afirmando que: “A mulher é mais carnal que o homem; vemos isto por suas múltiplas torpezas. Existe um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi feita de uma costela curva, torta, colocada em posição ao homem. Ela é, assim, um ser vivo imperfeito, sempre enganador”.

No capítulo II de *Malleus Maleficarum*, os autores escrevem que há três tipos de bruxas, a saber: aquelas que lesam, mas não podem curar; aquelas que curam, mas que por meio de um estranho pacto com o diabo, não podem lesar e aquelas que tanto lesam quanto curam, e ainda no decorrer do livro eles comentam que, a mulher no catolicismo é o que há de pior.

Ao longo dos séculos XV e XVI, se sucederam demonólogos lançando sobre a mulher suspeitas de satanismos de todas as formas. O advento do protestantismo não significou uma queda nesta perseguição ao contrário, tanto Lutero quanto Calvino aderiram à mesma, “apoiados” na Bíblia. Jules Michelet, em *Sobre as Feiticeiras*, transcreve números estarrecedores de mulheres queimadas e torturadas. Como exemplo, podemos citar que, por ordem de seu bispo, a cidade de Genebra queimou no ano 1515, em apenas três meses, nada menos que 500 mulheres; na Alemanha o Bispado Bamberg queima de uma só vez 600, e o de Wurtzburgo 900 mulheres, as confissões eram extraídas sob tortura e mesmo contra qualquer evidência, como afirma Michelet: “O processo é simples. Começar por utilizar a tortura para as testemunhas. Extrair ao acusado, à custa de sofrimentos, qualquer confissão. Uma feiticeira confessa ter roubado do cemitério o corpo de uma criança. Desenterram-no e lá o encontraram dentro do caixão. O juiz, porém, resolve contrariando o que os olhos lhe dizem, que se trata de uma aparência, um engano do Diabo. Ela é queimada” (MOREIRA, Branca. Pitanguy, Jaqueline. *O que é feminismo*, 1985).

Comportamento de fé na submissão, estimulada durante anos pela Igreja, pelos Reinos, pelos homens em geral, garante a perseguição às “bruxas”, aos

hebreus que eram considerados hereges e a outros bruxos, no entanto, em relação à mulher-bruxa a perseguição foi mais mortal. Nessa hora, a morte, que sempre foi considerada pelos cristãos como um fim a ser atingido, que nunca foi encarada como um mal, que tem um significado de dignificação, é tomada como instrumento de luta sem maiores escândalos ou problemas de consciência no interior da própria Igreja. Considerava-se que o pecador era queimado para seu próprio bem.

À guisa de conclusão: tudo isso mostra-nos com clareza, como o poder mais cruel se considerava santo com todo o direito de condenar e despedaçar o feminino em nome de Deus. Para concluir, lembramos que não foram apenas as instituições da Inquisição e da medicina que condenaram a mulher, mas também muitos discursos de intelectuais e humanistas ajudaram a estigmatizar como inferior e impura o ser mulher, contribuindo para uma justificação ideológica e à desvalorização feminina, no contexto da desintegração do modo de produção feudal.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Difel – São Paulo: Nova Fronteira.
- CELLA, Sheila.M. R. **A inquisição como prática coletiva: Por que não?** Dissertação de Mestrado/UEM, 1996.
- ENCICLOPÉDIA DO OCULTISMO; **As Ciências proibidas: Satanismo e bruxaria**. vol. 4. Tradução de Mirian Lopes Moura: Século Futuro, Rio de Janeiro, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. Ática, 2002
- KRAMER, Henrich. SPLENGER, James. **O Martelo das bruxas**. São Paulo: Planeta. s/d
- MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade até nossos dias**. São Paulo: Cortez. 1989.
- MARX, K e ENGELS, F. **Sobre a religião**. Lisboa: edições 70, 1972.
- MOREIRA, Branca. PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. Brasiliense, 1985.
- MURARO, Rose Marie, **Textos da fogueira**. Letrativa, Brasília, 2000.
- SACKS, Karen. **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NOTAS

- ¹ Acadêmica do quarto ano de Pedagogia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
- ² Acadêmica do quarto ano de Pedagogia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
- ³ Doutor em Filosofia e História da Educação, pela Unicamp. Líder do Grupo de História e Historiografia na Educação, da UNIOESTE